

UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

O ENVOLVIMENTO DO PAI COM BEBÉS:
“NOVAS” E “VELHAS” REALIDADES

Nádia Vanessa Oliveira Fonseca

Junho, 2011

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
Ramo de Intervenção Psicológica, Educação e Desenvolvimento
Humano, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor José Albino
Lima (F.P.C.E.U.P.).

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Doutor Albino Lima, por me ter orientado com o seu rigor científico, pela sua total disponibilidade e confiança.

Aos pais e às mães que participaram neste trabalho de investigação. Agradeço toda a colaboração e disponibilidade demonstrada na fase de recolha de dados, possibilitando a aplicação dos questionários.

Aos meus colegas e amigos que sempre me apoiaram em todas as etapas deste trabalho.

RESUMO

Tendo em consideração que em Portugal os estudos realizados sobre o envolvimento do pai são escassos, e reconhecida a importância desse envolvimento para o desenvolvimento das crianças, procuramos explorar algumas das formas de envolvimento do pai com bebés até aos 18 meses de idade.

Pretendemos testar alguns dos factores que se associam com o envolvimento paterno, nomeadamente: diferenças entre as formas de envolvimento pai/mãe com bebés e consequentemente, o modo como estas podem influenciar as dimensões do desenvolvimento da criança (Desenvolvimento Cognitivo; Desenvolvimento Físico; Apoio Emocional e Estimulação e Comportamento da Criança) e são influenciadas pela representação que o pai tem do envolvimento do seu próprio pai.

Na investigação, participaram 40 casais, (23-48 anos) pais de crianças portuguesas até aos 18 meses de idade.

Analizamos o efeito de variáveis relativas ao pai (idade e representação das formas de envolvimento do seu próprio pai), à criança (idade) e à mãe (idade e formas de envolvimento).

Utilizamos dois questionários: Escala de Percepção do Envolvimento Parental (PEP) e a Escala ENVOLVE (aplicada apenas aos pais).

Os resultados obtidos neste estudo evidenciam alguns indicadores relativos a formas de envolvimento reveladoras quer de uma “nova”, quer de uma “velha” paternidade. Quanto à primeira, é evidente nos resultados relativos às formas caracterizadoras do envolvimento paterno: Bem-Estar Emocional e Comportamento da Criança. Relativamente à segunda, é expressa pelos resultados globais na escala PEP uma vez que obtivemos, para quase todos os itens, valores superiores para a mãe.

Globalmente os resultados levam-nos a considerar que as variáveis independentes consideradas no estudo relacionam-se com as formas de envolvimento paterno com bebés e sustentam os factores do envolvimento, em particular, no que diz respeito à relação entre o envolvimento actual do pai e a representação das formas de envolvimento do seu próprio pai.

ABSTRACT

We tried to explore some of father's involvement with infants under 18 months of age, considering that in Portugal studies on father's involvement are scarce and bearing in mind the importance of this involvement for the children's development.

We intend to test some of factors that are associated with the father's involvement mainly: differences between the forms of father's/ mother's involvement with babies and consequently how these may influence the dimensions of child's development (Cognitive Development, Physical Development and Emotional and Stimulation Support and Child's Behavior) and also how children are influenced by the representation that the father has of the involvement of his own father.

40 Portuguese couples between 23 and 48 years old, whose children are up to 18 months of age, took part in the investigation.

We analyzed the effect of variables related to the father (age and forms of representation of his own father's involvement), child (age) and mother (age and forms of involvement).

We used two questionnaires: Scale of Perceived Parental Involvement (PEP) and the INVOLVE Scale (applied only to fathers).

The results of this study suggest some indicators related to involvement forms revealing either a "new" and an "old" fatherhood. The first is evident in the results concerning the forms which distinguish the father's involvement: Emotional Well-Being and Child's Behavior. The second is expressed by the overall results on the PEP scale once we got, for almost all items, higher values for the mother.

In general the results lead us to believe that the independent variables considered in the study relate to the forms of the father's involvement with infants and sustain the involvement factors, particularly with in what respects the relationship between the current father's involvement and the representation of the forms of his own father's involvement.

RÉSUMÉ

Étant donné que, au Portugal, les études effectuées sur la participation du père sont rares, et reconnaissant l'importance de cet engagement pour le développement des enfants, nous cherchons à explorer certaines des formes de participation du père avec les bébés jusqu'à l'âge de 18 mois.

Nous prétendons tester quelques-uns des facteurs qui sont associés à la participation paternelle, notamment: les différences entre les formes d'implication du père/mère avec les bébés et par conséquent, comment elles peuvent influencer les dimensions de développement de l'enfant (développement cognitif; physique; soutien affectif et stimulation et comportement de l'enfant) et sont influencés par la représentation que le père a de la participation de son propre père.

Dans la recherche, ont participé 40 couples (23-48 ans), parents d'enfants portugais jusqu'à l'âge de 18 mois.

Nous avons analysé l'effet des variables liées au père (âge et représentation des formes de participation de son propre père), à l'enfant (âge) et à la mère (âge et formes de participation).

Nous avons utilisé deux questionnaires: l'Échelle de la Perception de la Participation Parentale (PEP) et l'Échelle IMPLIQUE (appliquer uniquement aux parents).

Les résultats obtenues de cette étude démontrent certains indicateurs concernant la forme de participation révélateurs soit d'une "nouvelle", soit d'une "ancienne" paternité. Sur la première, c'est évident dans les résultats relatifs aux formes qui caractérisent l'implication paternelle: Bien-être émotionnel et comportement de l'enfant. Relativement à la deuxième, celle-ci est exprimée par l'ensemble des résultats de l'échelle PEP une fois que nous avons obtenus, pour presque tous les éléments, des valeurs plus élevées pour la mère.

Globalement, les résultats nous amènent à croire que les variables indépendantes considérées dans l'étude se rapportent à des formes d'implication paternelle avec des bébés et soutiennent les facteurs d'engagement, en particulier, en ce qui concerne la relation entre la participation actuelle du père et la représentation des formes de participation de son propre père.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	2
CAPÍTULO I. O ENVOLVIMENTO PATERNO COM BEBÉS: FORMAS E FACTORES	4
1. PAPEL DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	5
1.1 O PAPEL DO PAI.....	6
1.1.1 Mudanças sociohistóricas e formas de envolvimento.....	6
1.1.2 Formas de envolvimento do pai contemporâneo	7
1.1.3 Formas e consequências do envolvimento paterno nos primeiros meses de vida da criança ...	8
1.2 FACTORES QUE SE RELACIONAM COM O ENVOLVIMENTO PATERNO	9
1.2.1 VARIÁVEIS RELATIVAS AO PAI	10
1.2.1.1 Idade do pai	10
1.2.1.2 Representação do envolvimento do próprio pai	11
1.2.1.3 Variáveis relativas à mãe	11
1.2.1.4 Variáveis relativas à criança	12
CAPÍTULO II. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO	13
2. OBJECTIVOS DO ESTUDO	14
3. QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO	14
3.1 INSTRUMENTOS	15
3.1.1 Processo de construção dos instrumentos	15
3.2 PARTICIPANTES	17
3.2.1 Caracterização da Amostra do estudo	17
3.3 PROCEDIMENTO	18
CAPÍTULO III. RESULTADOS	19
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	20
CAPÍTULO IV. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO	32
BIBLIOGRAFIA.....	36
ANEXOS.....	40
ANEXO 1: ESCALA DE PERCEPÇÃO DO ENVOLVIMENTO PARENTAL	41
ANEXO 2: ESCALA ENVOLVE	45

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1	Distribuição da idade das crianças da amostra.....	17
Quadro 2	Média e desvio-padrão dos itens para a escala - Percepção do Envolvimento Parental.....	20
Quadro 3	Média e desvio-padrão dos itens para a escala de percepção do envolvimento parental: pai e mãe.....	22
Quadro 4	Correlações entre os factores da Escala ENVOLVE.....	25
Quadro 5	Média e Desvio-padrão para os itens da escala Envolve	27

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1	Modelo relativo às formas e factores do envolvimento paterno.....	15
Gráfico 1	Representação das formas de envolvimento do próprio pai.....	26

INTRODUÇÃO

A vivência da paternidade foi um fenómeno negligenciado ao longo dos anos pelos investigadores das Ciências Sociais, em geral, e pela Psicologia do Desenvolvimento em particular, os quais focavam essencialmente o papel da mãe. Contudo, existem evidências de que o envolvimento do pai o mais cedo possível (já durante a gravidez) tem implicações importantes para as primeiras relações pai-bebé (Brazelton & Cramer, 1992) e pode influenciar positivamente todas as dimensões do desenvolvimento da criança (Osofsky & Thompson, 2000).

Esta valorização atribuída à paternidade e mais especificamente durante das primeiras idades, a curiosidade sobre o tema e, por outro lado, a importância do papel do pai no desenvolvimento das crianças foram os elementos que determinaram a escolha da temática deste estudo.

Neste sentido, procuramos desenvolver um projecto de investigação sobre o envolvimento do pai, assumindo como objecto de estudo específico o envolvimento do pai ao longo dos primeiros 18 meses de vida do bebé, explorando algumas das formas e factores desse mesmo envolvimento.

No primeiro capítulo, abordamos as formas de envolvimento paterno, considerando diferentes momentos sociohistóricos. Seguidamente reflectimos sobre alguns dos factores de que se associam com o envolvimento paterno.

No segundo capítulo, referente à parte empírica, com uma amostra de 40 casais, procuramos explorar algumas das formas de envolvimento do pai com crianças até aos 18 meses de idade. Analisamos a influência de diferentes factores: nomeadamente a idade do pai e a sua história desenvolvimental, mais precisamente, a representação das formas de envolvimento do seu próprio pai. Consideramos também variáveis relativas à mãe e à criança. No que concerne à primeira, atendemos à idade e às formas de envolvimento materno, quanto à segunda, consideramos a idade.

Já no terceiro capítulo, procedemos à apresentação e análise dos resultados obtidos nesta investigação. Para tal, seguimos uma lógica de análise dos dados, através da qual procuramos responder às questões de investigação formuladas no capítulo II.

Por fim, no capítulo quatro, apresentamos as principais conclusões de todo o trabalho desenvolvido nesta investigação, procurando, com clareza e de modo coerente reflectir sobre um conjunto de linhas de discussão que julgamos pertinentes e que possam contribuir para

uma melhor e mais aprofundada compreensão acerca das formas e factores do envolvimento paterno com bebés.

CAPÍTULO I.

O ENVOLVIMENTO PATERNO COM BEBÉS: FORMAS E FACTORES

1. Papel da família no desenvolvimento da criança

De acordo com a perspectiva Bioecológica¹ do desenvolvimento humano, a paternidade só pode ser compreendida a partir de uma análise rigorosa das interações familiares e das interações que o grupo familiar estabelece com o grupo social ao qual pertence, considerando as trocas e os processos culturais mais amplos.

Contemporaneamente e apesar de todas as transformações socioculturais, a família nuclear (os pais ou prestadores de cuidados) continua a desempenhar um papel crucial no desenvolvimento das crianças.

Segundo Bornstein (2002), Palacios e Rodrigo (1998) e Parke e Buriel (1998), existem cinco funções-base da parentalidade: 1) satisfazer as necessidades básicas de sobrevivência e saúde; 2) disponibilizar à criança um mundo físico organizado e previsível; 3) satisfazer as necessidades de compreensão cognitiva das realidades extra-familiares; 4) corresponder às necessidades de afecto, confiança, protecção e segurança e 5) satisfazer as necessidades de interacção social da criança. Estas necessidades assumem, assim, um papel fundamental no sentido de evitar a privação do desenvolvimento da criança.

O modelo proposto por Azar e Bober (1999) reporta-se precisamente, à adequação entre o funcionamento parental e as necessidades anteriormente referidas. De acordo com os referidos autores, existem dois aspectos fundamentais na relação pais-criança: a relação entre as necessidades desenvolvimentais e as competências parentais de cuidado; e a relação entre competências dos pais enquanto cuidadores de si próprios e dos filhos.

Tendo em consideração que a família desempenha um papel crucial para o desenvolvimento das crianças e visto que a investigação tende a analisar a família como um todo, é fundamental perceber qual o papel que o pai desempenha no processo desenvolvimental dos filhos e de si próprio.

¹ Perspectiva que deriva do modelo ecológico do desenvolvimento humano proposto por U. Bronfenbrenner, 1979

1.1 O papel do pai

1.1.1 Mudanças sociohistóricas e formas de envolvimento

Durante as duas últimas décadas, a Psicologia tem demonstrado cada vez mais interesse em estudar as questões do envolvimento paterno. Nomeadamente, Lamb (1997, 2004, 2010), McBride e Mills (1993), entre outros, realizaram diversos estudos acerca da paternidade e mais precisamente sobre o papel que o pai tem vindo a assumir ao longo dos últimos tempos.

Este enfoque da Psicologia face ao envolvimento paterno parece dever-se, em grande medida, a significativas mudanças sociais.

Estas transformações tiveram impacto a vários níveis: na divisão de tarefas domésticas, nas relações familiares, na prestação de cuidados aos filhos, a transformação nas configurações e tipologias de família, associada ao acréscimo exponencial do número de separações e divórcios, o aumento de famílias monoparentais, homoparentais, ou resultantes de recasamentos; as questões de identidade e de papel parental; o surgimento de movimentos para salvaguarda dos direitos dos homens, especialmente nas situações de divórcio e situações de regulação de exercício do poder paternal; as políticas de apoio à família e o debate sobre o desenvolvimento e bem-estar da criança, com as inerentes questões de direitos e deveres do pai e da mãe, como o usufruto do tempo de licença parental; as mudanças nas expectativas da própria sociedade quanto ao papel de pai e a sua participação, activa no processo desenvolvimental dos seus filhos (Lima, 2009).

De facto, o papel do pai encontra-se numa fase de transição, fase esta particularmente associada à profissionalização da mulher² sendo muito frequente que ambas as figuras parentais trabalhem.

Os pais podem envolver-se com os seus filhos de diferentes formas e têm assumido diferentes responsabilidades em diferentes momentos históricos (Lima, 2009).

Até à década de setenta, o papel do pai estava especialmente associado com o suporte económico da família e era encarado como uma figura de autoridade.

Esta realidade foi sendo ultrapassada através de diversas modificações no contexto familiar. Uma dessas modificações está relacionada com o aumento do poder das mulheres (já anteriormente mencionado), sendo que estas passaram a exigir o envolvimento paterno e

² Entre 1991 e 2001, a taxa de actividade feminina passou de 53% para 65% (Aboim, 2003).

deixaram, por isso, de assumir na totalidade a responsabilidade em relação aos seus filhos (Lamb, 1997). Ocorre portanto um crescimento da taxa de actividade feminina no domínio do trabalho e da família (Lima, 2001).

Dados mais actuais relativamente à taxa de actividade feminina revelam que apesar da taxa de desemprego das mulheres (31,5%) ser superior à dos homens (28,7%) muitas continuam ainda activas e a assumir responsabilidades no seio da família (Barreto, 2010).

Existe assim uma redefinição do papel do pai, em que algumas das responsabilidades familiares incidem agora na figura paterna, principalmente em relação ao cuidado dos filhos (Dantas, Jablonski & Féres-Carneiro, 2004).

1.1.2 Formas de envolvimento do pai contemporâneo

A partir da década de 90 vários estudos (Lamb, 1997), salientam que muitos homens exerceriam, por escolha própria, a “nova paternidade”, traduzida pelo envolvimento, pelo vínculo emocional e pela realização pessoal na relação de cuidado e afecto com os filhos.

Este comportamento não se esgota na relação com os filhos, mas estende-se também no apoio prestado à companheira. O vínculo emocional prestado à mãe envolve um forte impacto no desenvolvimento da criança, pois além de melhor a relação entre o casal aumenta a qualidade da relação entre a mãe e a criança. Outra forma de o pai apoiar a mãe e melhorar a dinâmica familiar reside na partilha das tarefas domésticas, aliviando a mãe das “duplas jornadas” e funcionando como um bom modelo para o filho/a (Lamb, 1992).

Através da interacção directa com os filhos, na brincadeira, no ensino, na prestação de cuidados, os pais também estão a contribuir para um desenvolvimento “óptimo” da criança (Lamb, 1992).

Em suma, se pensarmos no papel do pai como uma forma de influenciar o desenvolvimento dos seus filhos/filhas, podemos ter três formas de influência: o sustento económico, o apoio emocional para com a mãe e a criança, bem como, interacção com os filhos.

1.1.3 Formas e consequências do envolvimento paterno nos primeiros meses de vida da criança

De acordo com Strecht (2007), é imprescindível que o pai acompanhe a mãe ao longo da gravidez. Este acompanhamento, segundo o mesmo autor, deverá fazer-se sentir aquando da realização das ecografias, isto porque, é verificado que o impacto psíquico das imagens é significativo no processo de vinculação ao futuro filho.

A mesma ideia é partilhada por Brazelton e Cramer (2004) que referem que as actividades relativas ao período da gravidez, como acompanhamento durante as consultas de vigilância pré-natal, às ecografias, preparação para o parto e apoio durante o parto, são essenciais e constituem momentos potenciadores de sentimentos de vinculação dos pais com o bebé (Camus, 2002).

De facto, o pai deve envolver-se nas semanas e nos meses que precedem ao nascimento. Camus (2002) refere que desde o início da existência da criança, tanto o pai como a mãe representam contributos diferentes, embora isto não signifique que o sejam na mesma proporção. É nesta vivência primária que o bebé pode distinguir a relação com a mãe e com o pai.

O nascimento do bebé, de acordo com Colman e Colman (1994), é um dos momentos mais importantes. Este traduz um período de transição cuja principal função é a preparação do casal para as tarefas complexas e desafiantes que a parentalidade poderá acarretar. Na realidade poderá implicar a aquisição de novos papéis e de responsabilidades antes inexistentes (Freitas, Coelho, & Silva, 2007).

A partir dos dois meses, o bebé começa a reagir de maneira diferente consoante esteja a interagir com a mãe ou com o pai. Brazelton (1991) caracteriza a interacção dos bebés com os pais como sendo diferente das interacções com as mães.

Este é um dos motivos pelo qual nas últimas décadas a valorização dada ao papel do pai quer em relação à vivência da gravidez quer em relação à forma como este encara a parentalidade tem vindo a transformar-se.

Assim, o primeiro ano de vida da criança é primordial para o seu desenvolvimento (Vagerö, 1997) e os primeiros padrões de prestação de cuidados têm habitualmente, tendência a persistir e influenciar a interacção dos pais com o seu filho ao longo do tempo (Lee e Brage, 1989).

Através do acima exposto, facilmente se passa ao entendimento de que a função paterna é indispensável para a formação da personalidade da criança, *“o pai representa mais*

do que aquilo que é, e que a sua existência não se reduz à mera presença física”, (Camus, 2002, p.25).

Contudo, e apesar destas evidências, a paternidade não costuma ser identificada como um evento tão transformador da vida adulta quanto a maternidade (Eggebeen e Knoester, 2000), apesar disso, existe um consenso relativamente à forte influência positiva que o pai exerce no processo desenvolvimental dos seus filhos contribuindo para o bem-estar e desenvolvimento da criança (Camus, 2002).

Segundo Knoester e Eggebeen (2001), a paternidade tem consequências evidentes quer para a criança quer para a mãe.

Relativamente à primeira, Camus (2002), refere que as crianças que beneficiam de contacto frequente com a figura paterna desde os primeiros meses de vida, revelam-se mais seguras na presença de figuras estranhas, e mais capacitadas no plano linguístico e no controlo ocular-manual, do que os que bebés que nunca tiveram contacto com a presença da figura paterna.

Um estudo realizado por Lewis e Lamb (2003) com crianças suecas reportou precisamente que as crianças com vinculações seguras com os seus pais eram mais sociáveis com estranhos (controlando os efeitos da associação entre a vinculação segura mãe-criança e a sociabilidade na sua amostra). Ao mesmo tempo, os autores supracitados relataram que as vinculações com ambos os pais mostravam-se relacionadas com elevados níveis de competências cognitivas numa amostra de crianças americanas.

Além do mais, o envolvimento do pai tende a melhorar a própria qualidade da relação mãe-criança e a facilitar um ajustamento comportamental positivo por parte da criança. Os pais podem ainda influenciar a qualidade das dinâmicas da família ao intervirem nas tarefas domésticas e escolares da criança (Lamb, 1997).

1.2 Factores que se relacionam com o envolvimento paterno

Segundo o modelo de Belsky (1984), o comportamento paterno é determinado por diversas variáveis, nomeadamente: (1) as características de personalidade dos pais; (2) as características da criança e (3) as “fontes contextuais de *stress* e suporte”, que incluem a relação conjugal, as experiências de trabalho dos pais e as redes sociais (Pleck & Hofferth, 2008).

O “modelo de quatro factores” do envolvimento paterno apresentado por Lamb e colaboradores (Lamb, 1992; Flouri e Buchanan, 2003) realça como indicadores do envolvimento paterno: a motivação, competências e auto-confiança, suporte social (especialmente da mãe), e factores institucionais (nomeadamente no local de trabalho) (Pleck & Hofferth, 2008).

Pleck (1997) apresenta três pontos semelhantes entre os modelos acima descritos: a motivação referida por Lamb e colaboradores pode ser percebida como fazendo parte do factor de personalidade mencionado por Belsky; as relações conjugais presentes no modelo de Belsky podem relacionar-se com o suporte social que Lamb e colegas apresentam; finalmente, os empregos dos pais podem abranger os factores institucionais que influenciam a paternidade.

Apesar da multiplicidade de factores anteriormente mencionados, iremos salientar apenas os factores incluídos neste estudo.

1.2.1 Variáveis relativas ao pai

1.2.1.1 Idade do pai

A idade do pai deve ser analisada tendo em atenção a fase do ciclo vital e do ciclo familiar na qual a figura parental se encontra (Badolato, 1997). Aliás, esta tanto se pode apresentar como insignificante como, inversamente, aparece relacionada com o envolvimento paterno (Pleck, 1997).

Parke (1995) revela que os pais adolescentes têm menos contacto com os filhos, embora isto não pressuponha uma ausência total do pai. Em contrapartida, os pais cuja paternidade é tardia, estão mais fortemente envolvidos com os seus filhos e apresentam maior gratificação com o seu papel de pai (Lima, 2001).

Uma pesquisa realizada com bebés de 3 a 9 meses, ilustra precisamente os aspectos anteriormente focados. De acordo com os resultados da mesma, os pais mais velhos são mais responsivos, estimulantes e afectuosos (Volling & Belsky, 1991).

Também os estilos de envolvimento paterno variam em função da idade do pai. Parke (1995) sugere que as interacções entre pais mais novos e filhos geralmente implicam

actividades de natureza física; com pais mais velhos as actividades privilegiadas são de natureza cognitiva.

1.2.1.2 Representação do envolvimento do próprio pai

De acordo com Buist (2002), para que um homem se torne pai é essencial que se baseie nas suas experiências ao longo da infância e adolescência.

Pleck (1997) acrescenta que alguns pais optam por dar continuidade intergeracional às formas de envolvimento do seu próprio pai. Isto significa, que alguns pais, o próprio pai representa um modelo a seguir.

Por outro lado, muitos pais identificam os seus próprios pais como influentes, no entanto, consideram que essa influencia exercida pelos seus progenitores, serve de antítese ao que eles querem ser como pais. Desta forma, muitos pais realçam o desejo de serem melhores pais do que o foram os seus progenitores, e portanto, envolvem-se o mais activamente e o mais cedo possível com os seus filhos (Lima, 2001).

1.2.1.3 Variáveis relativas à mãe

As características da mãe representam um outro determinante do envolvimento do pai. Segundo Pleck (1997), os pais envolvem-se mais com os seus filhos quando as mães têm um maior grau de instrução e quando as mães são mais velhas, uma vez que a mãe percebe a importância da relação pai-criança. Os pais estão mais envolvidos em famílias em que ambos os cônjuges ganham dinheiro (Flouri & Buchanan, 2003), e quando as mães estão empregadas mais horas (NICHD Early Child Care Research Network, 2000), por estas não passarem tanto tempo com a criança, o que leva a um envolvimento mais cooperativo com o progenitor. Há também considerável evidência de que o próprio envolvimento da mãe com a criança está fortemente relacionado com o envolvimento do pai (Amato, 1994).

Lewis e Lamb (2003) referem que as mães tendem a interagir mais com a criança ao longo da infância e adolescência, quando se trata de interações ao nível da prestação de cuidados e nas tarefas relativas à rotina familiar.

É comum pensar que as mães têm uma predisposição biológica para cuidar de bebés, o mesmo não significa que os pais não despendam o mesmo tempo que as mães a brincar com

os seus bebés, ainda que menos tempo a alimentá-los e a darem-lhes banho. Porém, os pais prestam mais cuidados ao nível da higiene e da alimentação do bebé quando a mãe trabalha do que quando ela não o faz. É ainda importante ressaltar que vários estudos mostram que uma grande percentagem dos pais gostaria, efectivamente, de passar mais tempo com os seus filhos. Contudo, muitos pais consideram que não são capazes de cuidar dos seus filhos, por mais vontade que tenham. (Papalia, Olds, & Feldman, 2001).

O apoio quer da família quer da mãe da criança é crucial para o maior envolvimento por parte do pai. Este aspecto faz todo sentido, na medida em que algumas mulheres não querem que os maridos se envolvam com os filhos. Isto acontece por duas razões: (1) há mulheres que consideram que os homens não possuem as competências necessárias para cuidar das crianças e (2) outras não querem, efectivamente, partilhar este poder de cuidadora, de gestora da casa. Aliás, algumas vezes, estas mulheres preferem atingir a exaustão mental e/ou física do que partilhar os cuidados da criança com o parceiro (Lamb, 1992).

1.2.1.4 Variáveis relativas à criança

Quando se realiza uma investigação sobre o envolvimento paterno, a idade da criança é um importante factor a ter em consideração (Parke, 1995). Existem evidências de que os pais envolvem-se mais com um filho em idade escolar, ou adolescente, do que com um filho bebé ou em idade pré-escolar (Lima, 2009).

Por outro lado, vários estudos (e.g. Lamb, 2004) têm revelado que os pais envolvem-se mais quando os filhos são mais novos. Segundo o mesmo autor, quando os pais interagem com as crianças mais novas, optam por fazê-lo através de actividades lúdicas (e.g., jogos ou interacção social), do que em tarefas referentes aos cuidados de higiene (e.g., mudar a fralda ou dar banho).

CAPÍTULO II.
METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

Metodologia de investigação

Este capítulo é dedicado à apresentação da metodologia de investigação desenvolvida no âmbito da Tese de Mestrado.

2. Objectivos do estudo

Neste estudo procuramos:

- a) Descrever as formas de envolvimento do pai em crianças até aos 18 meses de idade;
- b) Explorar a percepção dos pais relativamente às consequências do envolvimento com os seus filhos até aos 18 meses de idade;
- c) Explorar em que medida as formas de envolvimento do pai se relacionam com as formas de envolvimento da mãe;
- d) Explorar a história desenvolvimental do pai com o seu próprio pai, e analisar em que medida se relaciona com o seu próprio envolvimento com o filho.

3. Questões de investigação

De acordo com os objectivos definidos para este estudo, as questões de investigação que tentaremos testar são:

Questão de investigação 1. Como se caracterizam as formas de envolvimento paterno com bebés?

Questão de investigação 2. Em que medida o envolvimento do pai varia em função da sua idade?

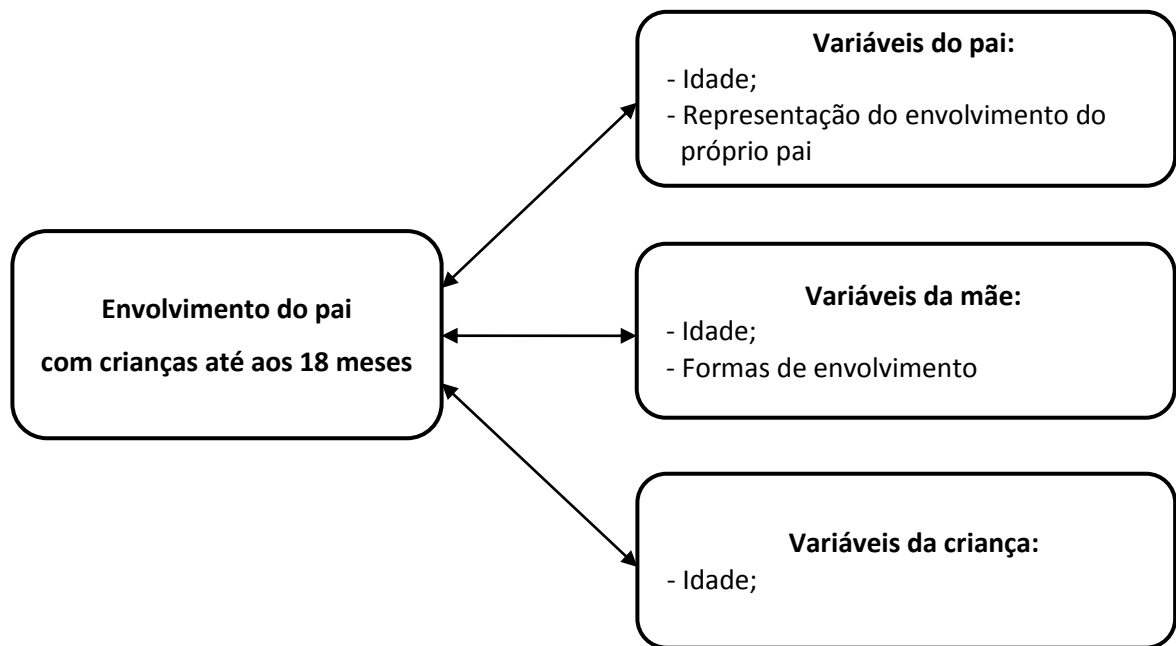
Questão de investigação 3. Em que medida o envolvimento do pai varia em função da idade da criança?

Questão de investigação 4. Em que medida as formas de envolvimento paterno com bebés se diferenciam das formas de envolvimento materno?

Questão de investigação 5. Em que medida as formas de envolvimento paterno se relacionam com a representação do envolvimento do seu próprio pai?

Na figura 1, ilustramos o modelo que iremos explorar nesta investigação. No lado esquerdo da figura, assumimos como variável dependente o envolvimento do pai com crianças até aos 18 meses. Esta variável relaciona-se ou é influenciada por vários factores. Destes, destacamos as variáveis relativas ao pai – idade e representação do envolvimento do próprio pai ao longo da sua infância e adolescência; à mãe - idade e formas de envolvimento materno; e variáveis relativas à criança - idade.

Figura 1. Modelo relativo às formas e factores do envolvimento paterno, conceptualizado para a presente investigação



3.1 Instrumentos

3.1.1 Processo de construção dos instrumentos

Para a realização do estudo, foram utilizados a Escala de Envolvimento Paterno - ENVOLVE (Lima, Serôdio & Cruz, 2008) e a Escala de Percepção de Envolvimento Parental – PEP (adaptado de Gonçalves & Lima, 2007).

A opção pela aplicação do primeiro instrumento mencionado, deve-se ao facto de ser consensual que a história desenvolvimental dos pais é um dos factores que se associa e influencia o envolvimento paterno (Lima, 2009), e de modo particular as formas de

envolvimento do seu próprio pai (um dos objectivos específicos do estudo). O PEP foi aplicado a 40 pais do sexo masculino de crianças portuguesas até aos 18 meses de idade.

A escala ENVOLVE, para além de integrar questões sociodemográficas, aborda as formas de envolvimento paterno quer ao longo da infância quer ao longo da adolescência. Através deste instrumento, pretende-se que os indivíduos realizem uma apreciação do envolvimento do seu próprio pai.

Esta escala é composta por 40 itens, organizados em 5 dimensões: (1) Apoio Emocional e Estimulação (por exemplo, “O meu pai elogiava-me.”), (2) Escola e Actividades Sociais (por exemplo, “O meu pai mostrava interesse pelas minhas actividades escolares.”), (3) Sustento e Orientação Moral (por exemplo, “O meu pai sustentava-nos financeiramente.”), (4) Punição (por exemplo, “Quando eu me metia em sarilhos o meu pai castigava-me fisicamente.”), (5) Partilha de Tarefas (por exemplo, “O meu pai ajudava a minha mãe a cuidar dos filhos.”).

A resposta a cada uma das questões é dada numa escala de 5 pontos, com a seguinte rotulagem: “Nunca” (=0), “Raramente” (=1), “Algumas vezes” (=2), “Muitas vezes” (=3), “Sempre” (=4).

No que concerne ao PEP, foi adaptado e construído tendo por base um outro questionário já existente (Gonçalves & Lima, 2007), cujo objectivo era o de avaliar a percepção de clínicos relativamente ao envolvimento do pai com o bebé. Na versão original, constavam um total de 28 itens que após serem reformulados e adaptados resultaram num questionário final constituído por 17 itens. Estes referem-se a 4 dimensões do desenvolvimento: (1) Desenvolvimento Físico (por exemplo, “Em que medida contribui para o desenvolvimento físico do meu filho”; (2) Desenvolvimento Cognitivo (por exemplo, “Em que medida contribui para o desenvolvimento cognitivo do meu filho.”); (3) Bem-Estar Emocional (por exemplo, “Em que medida fui afectuoso com o meu filho.”); (4) Comportamento da Criança (por exemplo, “Em que medida contribui para o ajustamento comportamental do meu filho”).

Tal como no ENVOLVE as respostas às questões são dadas numa escala de 5 pontos com a seguinte rotulagem: “Nunca” (=0), “Raramente” (=1), “Algumas vezes” (=2), “Muitas vezes” (=3), “Sempre” (=4).

Tornou-se pertinente proceder à reformulação de alguns itens da escala ENVOLVE. Isto ocorreu porque, após análises estatísticas, preliminares verificou-se uma correlação muito elevada entre alguns dos itens (e como tal assumiu-se que estariam a medir um mesmo constructo) e também porque alguns deles saturavam-se em mais do que um factor. Assim, foram retirados os 5 itens: “o meu pai levava-me com ele em actividades”; “o meu pai levava-me ao médico”; “o meu pai conversava comigo acerca dos meus problemas pessoais”; “o

meu pai costumava dizer coisas que feriam os meus sentimentos” e “o meu pai era capaz de mostrar o que sentia”.

Após estas alterações ao nível dos itens, escala ficou composta por um total de 35 itens.

3.2 Participantes

Participaram nesta investigação 40 casais, pais de crianças portuguesas até aos 18 meses de idade (N=80).

O único critério de inclusão na amostra foi que os sujeitos fossem pais de crianças até aos 18 meses de idade.

3.2.1 Caracterização da Amostra do estudo

No quadro 1 apresenta-se a distribuição da amostra em função da idade das crianças. Como podemos observar, existe um número inferior de crianças entre os 12 e os 18 meses de idade e uma maior predominância de crianças até aos 6 meses de idade.

Quadro 1. Distribuição da idade das crianças da amostra

	Idade das crianças		
	Até aos 6 meses	6 a 12 meses	12 a 18 meses
Total	17	13	10

Os pais tomados no seu conjunto (pai e mãe) apresentam idades compreendidas entre os 23 e os 48 anos. A média de idades é de 31 anos. No que concerne aos pais, eles apresentam idades compreendidas entre os 23 e os 48 anos sendo que a média de idades é de 33 anos. Quanto às mães, apresentam idades compreendidas entre os 23 e os 44 anos, sendo que a média de idades de 31 anos. A maioria dos casais, são casados ou vivem em união de facto.

Relativamente ao número de filhos, 48,3% (29) são os primeiros filhos dos casais; 13,13 % (8) são os segundos filhos dos casais e 5% (3) os terceiros filhos.

3.3 Procedimento

Nesta investigação, optou-se exclusivamente pela aplicação de questionários. Os 120 questionários (os 40 questionários Envelope respondidos pelos pais do sexo masculino e os 80 PEP respondidos quer pelo pai quer pela mãe de cada bebé) foram aplicados durante final do mês de Junho e início do mês de Julho de 2010, obedecendo ambos ao mesmo procedimento.

Num primeiro contacto foi explicado aos pais os objectivos do estudo e solicitada a sua participação, sendo que desde o início, mostraram-se receptivos a colaborar no estudo.

Numa fase posterior, os pais das crianças foram directamente contactados para a marcação de uma data de forma a proceder ao preenchimento dos questionários.

A recolha de dados para a realização do estudo, decorreu tendo em consideração a disponibilidade dos participantes e apenas num único momento (para cada pai e mãe), na residência dos próprios (em todos os casos decorreu na sala de estar: era um local com boa luminosidade, calmo, agradável e confortável) esta aplicação teve uma duração média de 20 minutos.

De forma geral, no processo de recolha de dados para cada um dos instrumentos os pais revelaram-se bastante cooperantes e envolvidos na tarefa. No decorrer da aplicação dos instrumentos, foi essencial o esclarecimento de dúvidas aos participantes.

CAPÍTULO III.
RESULTADOS

4. Apresentação e análise dos resultados

Este capítulo será dedicado à apresentação e análise dos resultados do nosso estudo. Para tornar mais fácil a leitura e análise dos resultados, optamos por retomar as várias questões de investigação formuladas no Capítulo II.

4.1. Questão de investigação 1. Como se caracterizam as formas de envolvimento paterno com bebés?

Quadro 2. Média e desvio-padrão dos itens para a escala de percepção do envolvimento parental: pai

Descrição dos itens “Em que medida participei”...	M	DP
12. (...) Fui afectuoso com o meu filho	4,65	0,53
10. (...) No bem-estar emocional do meu filho	4,48	0,59
13. (...) Conversei com o meu filho	4,30	0,68
11. (...) Ajustamento comportamental	4,10	0,95
9. (...) No desenvolvimento físico do meu filho	3,95	0,68
8. (...) No desenvolvimento cognitivo do meu filho	3,88	0,93
4. (...) No momento de alimentação do meu filho	3,70	0,72
17. Cuidados de higiene	3,67	0,94
7. (...) Nas consultas de vigilância durante a gravidez	3,55	1,28
3. (...) Nas consultas de saúde infantil	3,40	1,30
5. (...) Brinquei com o meu filho	3,25	0,63
6. (...) No processo de transição para a creche	3,14	1,31
16. (...) Consultas de saúde infantil	3,05	1,35

14. (...) Nas consultas de planeamento familiar	2,80	1,24
15. (...) Licença parental	2,80	1,69
2. Oportunidade de participar nos cuidados ao recém- nascido	1,48	0,50
1. Oportunidade de acompanhar o nascimento	1,38	0,49

Como se pode verificar no quadro.2 organizamos os itens de forma descendente de acordo com as médias obtidas. Os resultados indicam que as formas de envolvimento do pai caracterizam-se essencialmente pelo (1) Bem-estar Emocional da Criança e (2) Comportamento da Criança. Quanto à primeira dimensão levamos em conta 4 itens: (1) “Em que medida fui afectuoso com o meu filho” $M= 4,65$, $DP= 0,53$ (2) “Em que medida brinquei com o meu filho” $M= 3,25$, $DP= 0,63$ (3) “Em que medida conversei com o meu filho” $M= 4,30$, $DP= 0,68$ e (4) “Em que medida contribui para o bem-estar emocional do meu filho” $M= 4,48$, $DP= 0,59$. No que se refere à dimensão Comportamento da Criança, consideramos o item: “em que medida contribuí para o ajustamento comportamental do meu filho”, $M= 4,10$, $DP=0,95$.

4.1.2 Questão de investigação 2. Em que medida o envolvimento do pai varia em função da sua idade?

Para testarmos em que medida o envolvimento do pai varia em função da idade do pai, optamos por criar duas categorias etárias. Para tal, recorremos à mediana ($Md=33$), obtendo uma categoria de pais (sexo masculino) cuja idade é inferior a 33 anos e outra em que tem 33 ou mais anos. Verificamos que os pais mais velhos $M=36,55$, $DP= 3,3$ revelam maior envolvimento com os seus filhos até aos 18 meses de idade do que os pais mais novos, $M= 28,65$, $DP= 2,5$. Apesar disso, os pais mais novos parecem envolver-me mais ao nível das consultas de saúde infantil.

4.1.3 Questão de investigação 3. Em que medida o envolvimento do pai varia em função da idade da criança?

O envolvimento exercido pelo pai com o filho mais novo parece fazer-se sentir maioritariamente nos seguintes itens: (1) Oportunidade de acompanhar o nascimento $M=1,23$ $DP=0,41$; (2) Oportunidade de participar nos cuidados ao recém-nascido $M=1,24$ $DP=0,43$; (3) Participação nas consultas de vigilância durante a gravidez $M=4,28$ $DP=1,05$; (4) Contribuição para o Desenvolvimento Cognitivo $M=4,17$ $DP=0,77$; (5) Contribuição para o Desenvolvimento Físico $M=4,16$ $DP=0,72$; (6) Ajustamento Comportamental $M=4,19$ $DP=0,72$; (7) Participação nas Consultas de Planeamento Familiar $M=3,50$ $DP=1,31$; (8) Licença Parental $M=3,81$ $DP=1,58$; (9) Participação nas Consultas de Saúde Infantil $M=3,98$ $DP=1,22$.

4.1.4. Questão de investigação 4. Em que medida as formas de envolvimento paterno com bebés variam em função das formas de envolvimento materno?

Para facilitar uma leitura mais imediata de todos os valores obtidos, optamos por adicionar ao quadro 2 (anteriormente apresentado), uma coluna relativa à Mãe bem como a comparação de médias Pai vs Mãe.

Quadro 3. Média e desvio-padrão dos itens para a escala de percepção do envolvimento parental: pai e mãe.

Descrição dos itens “Em que medida participei”...		Mãe	Pai	t (79)
1. Oportunidade de acompanhar o nascimento	M DP	1,38 0,49	1,03 0,16	4,32**
2. Oportunidade de participar nos cuidados ao recém-nascido	M DP	1,05 0,22	1,48 0,50	4,87**
3. (...) Nas consultas de saúde infantil	M DP	4,80 0,61	3,40 1,30	6,18**
4. (...) No momento de alimentação do meu filho	M DP	4,50 0,78	3,70 0,72	4,77**

5. (...) Brinquei com o meu filho	M DP	4,63 0,54	3,25 0,63	2,85**
6. (...) No processo de transição para a creche	M DP	4,33 1,23	3,14 1,31	3,02**
7. (...) Nas consultas de vigilância durante a gravidez	M DP	4,70 0,85	3,55 1,28	4,72**
8. (...) No desenvolvimento cognitivo do meu filho	M DP	4,30 0,75	3,88 0,93	2,22**
9. (...) No desenvolvimento físico do meu filho	M DP	4,28 0,78	3,95 0,68	1,98**
10. (...) No bem-estar emocional do meu filho	M DP	4,65 0,53	4,48 0,59	1,38**
11. (...) Ajustamento comportamental	M DP	4,30 0,85	4,10 0,95	0,98**
12. (...) Fui afectuoso com o meu filho	M DP	4,72 0,45	4,65 0,53	0,67**
13. (...) Conversei com o meu filho	M DP	4,45 0,63	4,30 0,68	1,01
14. (...) Nas consultas de planeamento familiar	M DP	4,10 1,13	2,80 1,24	4,89**
15. (...) Licença parental	M DP	4,28 1,36	2,80 1,69	4,29**
16. (...) Consultas de saúde infantil	M DP	3,73 1,35	3,05 1,35	5,14**
17. Cuidados de higiene	M DP	4,60 0,86	3,67 0,94	5,40**

Notas: *, $p < .05$, **, $p < .01$; ***, $p < .001$

Considerando a escala global, e simultaneamente as respostas em cada um dos itens relativamente ao pai e à mãe, pode-se verificar que o envolvimento assumido pela mãe é superior ao envolvimento percebido pelo pai em quase todos os itens. Porém, como podemos verificar através da leitura do quadro 3, existe um conjunto de itens nos quais as respostas dos pais (tomados no seu conjunto) não diferem significativamente.

São verificadas maiores diferenças entre pai/mãe, em 15 dos 17 itens da escala, contudo, é de destacar o facto do item 9 se situar no limiar da significância $p(\text{sig}) 0,051$ e de no item 13 não se terem verificado diferenças.

Esta diferença entre pais vs mães é superior nos itens que avaliam o envolvimento de ambos ao nível da participação nas consultas médicas, quer durante a gravidez, quer durante os primeiros 18 meses nas consultas de saúde infantil. Da mesma forma as médias amostrais relativamente ao item que avalia o usufruto da licença parental, 4,28 (mãe) e 2,28 (pai) diferem significativamente. Deste modo pode concluir-se que, em média, a mãe usufrui mais deste benefício do que o pai. O resultado obtido vai ao encontro da literatura, pois, esta indica precisamente que as mães são quem maioritariamente usufrui da licença parental.

Iremos prosseguir a análise dos resultados da escala PEP, considerando as 4 dimensões constituintes deste instrumento: (1) Desenvolvimento Físico; (2) Desenvolvimento Cognitivo; (3) Bem-estar Emocional e (4) Comportamento da Criança.

Dimensão Desenvolvimento Cognitivo:

Esta dimensão é composta pelo item: "em que medida contribui para o desenvolvimento cognitivo do meu filho". A média observada nesta dimensão é de $M = 4,30$, $DP = 0,75$ para a mãe e $M = 3,88$, $DP = 0,93$ para o pai. O valor de $p = 0,02$ leva à constatação das diferenças entre pais e mães no que concerne à dimensão desenvolvimento cognitivo.

É de salientar que a diferença de médias mãe/pai para esta dimensão, vai ao encontro da literatura, uma vez que esta revela que a figura maternal tende a fornecer uma maior estimulação cognitiva à criança (Lamb, 1997)

Desenvolvimento Físico:

O item "em que medida contribui para o desenvolvimento físico do meu filho", obteve um valor de significância de 0,05, logo constatamos que existem diferenças significativas entre pai e mãe, no que diz respeito à dimensão desenvolvimento físico.

Comportamento da Criança:

Para a dimensão Comportamento da Criança, constituída pelo item "em que medida contribui para o ajustamento comportamental do meu filho" a média observada para a mãe é de $M = 4,30$, $DP = 0,85$ e para o pai $M = 4,1$, $DP = 0,95$. As médias amostrais, com uma diferença de 0,17, indica que para esta dimensão as diferenças entre pai e mães não são significativas.

Bem-estar Emocional da criança:

Esta dimensão foi analisada tendo por base os 4 itens que a compõe: (1) “Em que medida fui afectuoso com o meu filho” M= 4,69, DP= 0,49 (2) “Em que medida brinquei com o meu filho” M= 4,44, DP= 0,61 (3) “Em que medida conversei com o meu filho” M= 4,38, DP= 0,66 e (4) “Em que medida contribui para o bem-estar emocional do meu filho” M= 4,56, DP= 0,57 o que indica que também para a dimensão bem-estar emocional existem diferenças significativas.

4.1.5. Questão de investigação 5. Em que medida as formas de envolvimento paterno se relacionam com a representação do envolvimento do seu próprio pai?

Para dar resposta a esta questão, iremos começar por apresentar as correlações entre os factores da escala ENVOLVE e proceder à sua análise. Seguidamente, apresentamos as respostas dos pais participantes no estudo, através de um quadro síntese.

Numa fase posterior, procedemos a uma análise a nível das dimensões. Para tal, iremos agrupar os 35 itens nas 5 dimensões constituintes da Escala Envolve: (1) Apoio Emocional e Estimulação; (2) Escola e Actividades Sociais; (3) Sustento e Orientação Moral; (4) Punição e (5) Partilha de tarefas.

4.1.5.1 Correlações entre as dimensões da escala ENVOLVE

Quadro 4. Correlações entre os factores da Escala ENVOLVE				
N=40	AEE	EAS	SOM	PUN.
EAS	0,62			
SOM	0,56	0,52		
PUN.	-0,11	-0,52	- 0,19	
PT	0,67	0,85	0,40	-0,36

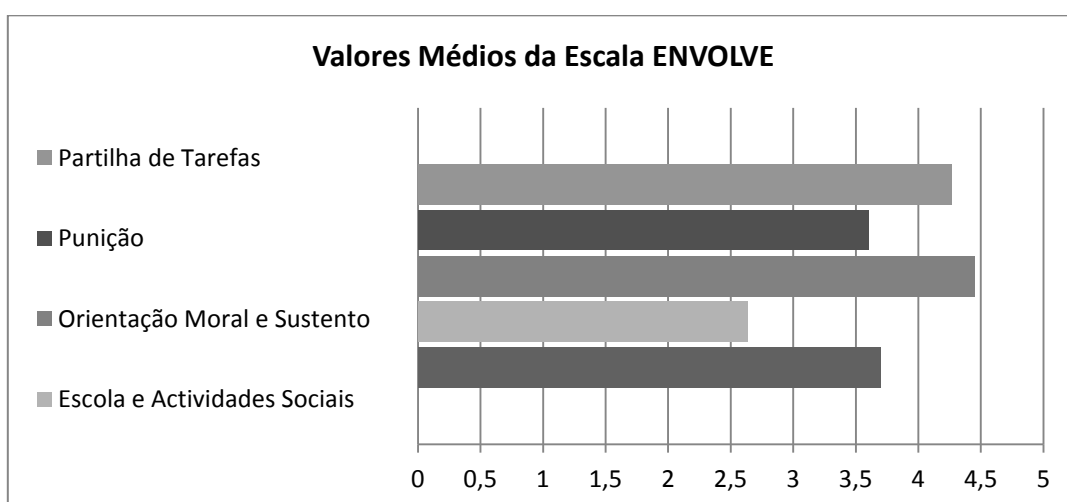
Notas: AEE = Apoio Emocional e Estimulação; EAS = Escola e Actividades Sociais; SOM = Sustento e Orientação Moral; Pun. = Punição; PT = Partilha de Tarefas.

No **quadro 4** apresenta-se as correlações entre as cinco dimensões do envolvimento paterno avaliadas na escala ENVOLVE. Tal como seria de esperar, a dimensão punição correlaciona-se negativamente com os restantes factores.

As correlações entre as restantes componentes são todas positivas, embora variem na sua magnitude. Destaca-se a correlação entre a dimensão Escola e Actividades Sociais com a dimensão Partilha de Tarefas (correlação alta) e a dimensão Apoio Emocional e Partilha de Tarefas (correlação moderada).

Análise global da escala

Gráfico 1 – Representação das formas de envolvimento do próprio pai



Através da análise global do gráfico acima representado, facilmente se pode verificar o referido no Capítulo I. Isto é, os resultados obtidos nesta escala, estão em concordância com o que é referido na literatura acerca do papel do pai até à década de 70. Os valores ao nível da dimensão Sustento e Orientação Moral, prende-se com o suporte económico prestado à família.

Quadro 5. Média e Desvios-padrão para os itens da escala Envolve

Item “Durante a minha infância e adolescência o meu pai” ...	M	DP
1. (...) Lia para mim	2,08	1,27
2. (...) Sentia-me próximo do meu pai	3,73	1,17
3. (...) Eu e o meu pai gostávamos do tempo que passávamos juntos	3,73	1,23
4. (...) Compreendia-me	3,28	1,26
5. (...) Ajudava-me a resolver os meus problemas	2,90	1,41
6. (...) Podia conversar com o meu pai sobre o que quer que fosse	2,98	1,36
7. (...) Conversou comigo sobre sexo	2,55	1,39
8. (...) Era afectuoso comigo	3,10	1,39
9. (...) Elogiava-me	3,15	1,16
10. (...) Apoiava a minha mãe a nível emocional	3,17	1,33
11. (...) Conversava comigo sobre as coisas que se passavam no mundo	3,15	1,34
12. (...) Estava disponível quando eu precisava dele	3,45	1,28
13. (...) Recompensava-me quando eu me portava bem	2,93	1,14
14. (...) Fazíamos coisas em conjunto	3,31	1,12
15. (...) Ajudava-me a fazer os trabalhos escolares	2,63	1,31
16. (...) Participava nas reuniões escolares	2,33	1,24
17. (...) Assistia às actividades em que eu participava	2,60	1,37
18. (...) Mostrava interesse pelas minhas actividades	3,30	1,13
19. (...) Sustentava-nos financeiramente	4,45	0,95
20. (...) Assegurava que tivesse as coisas de que precisava	4,10	0,99
21. (...) Preocupava-se com a minha alimentação	3,63	1,19

22. (...) Incutia-me valores importantes	4,05	0,98
23. (...) Ensinava-me a defender dos outros	3,22	1,20
23. (...) Importava-se com que eu cumprisse os meus compromissos	3,75	1,08
25. (...) Assegurava que eu tivesse cuidados de saúde	3,77	1,30
26. (...) Ensinava-se a distinguir o bem do mal	4,10	0,98
27. (...) Estava empregado	4,63	0,89
28. (...) Era quem decidia o que eu podia ou não fazer em casa	3,33	1,20
29. (...) Era quem mandava em casa	4,27	0,96
30. (...) Batia-me	2,45	1,26
31. (...) Gritava comigo quando eu fazia asneiras	3,48	1,03
32. Quando eu me metia em sarilhos, o meu pai castigava-me	3,60	1,16
33. (...) Ajudava a minha mãe nos trabalhos domésticos/tarefas de casa	3,77	1,30
34. (...) Ajudava a minha mãe a resolver os problemas do dia-a-dia	2,79	1,26
35. (...) Ajudava a minha mãe a cuidar dos filhos	3,08	1,34

(1) Apoio Emocional e Estimulação

Esta dimensão reúne um total de 14 itens (ponto médio da dimensão = 3), que reflectem claramente o envolvimento do pai em termos de apoio emocional e Estimulação a longo da infância e adolescência dos participantes desta investigação.

Os itens constituintes desta dimensão são os seguintes: (1) “quando eu era criança o meu pai lia para mim” M=2,09 DP=1,26; (2) “quando eu era criança sentia-me próximo do meu pai” M= 3,73 DP= 1,17; (3) “quando eu era criança, eu e o meu pai gostávamos do tempo que passávamos juntos” M=3,73 DP=1,2; (4) “o meu pai compreendia-me” M=3,28 DP= 1,26; (5) “eu podia conversar com o meu pai sobre o que quer que fosse” M= 2,98 DP=1,36 (6) “quando eu era criança o meu pai ajudava-me a resolver os meus problemas” M= 2,90 DP= 1,41; (7) “O meu pai conversou comigo sobre sexo” M= 2,55 DP= 1,39; (8) “o meu pai era afectuoso comigo” M= 3,10 DP=1,39; (9) “o meu pai elogiava-me” M= 3,15 DP= 1,34; (10) “o meu pai apoiava a minha mãe nível emocional” M= 3,17 DP= 1,33 (11) “o meu pai conversava comigo

sobre as coisas que se passavam no mundo” M= 3,31 DP= 1,12; (12) “o meu pai estava disponível quando eu precisava dele ”M=3,45 DP=1,28; (13) “o meu pai recompensava-me quando eu me portava bem” M= 2,93 DP= 1,14 e (14) “fazíamos coisas em conjunto” M= 3,31 DP= 1,12.

(2) Escola e Actividades Sociais

A segunda componente que procuramos explorar, é constituída por 5 itens que incidem sobre o envolvimento paterno nas actividades escolares e sociais do seu filho, (ponto médio da dimensão=2).

Os itens que compõem esta dimensão são: (1) “o meu pai ajudava-me a fazer os trabalhos escolares” M= 2,63 DP= 1,31; (2) “o meu pai participava nas reuniões escolares” M= 2,33 DP= 1,24; (3) “o meu pai assistia às actividades em que eu participava” M= 2,60 DP= 1,37; (4) “o meu pai tinha interesse pelas minhas actividades escolares” M= 3,20 DP= 1,13 e (5) “o meu pai mostrava interesse pelas minhas actividades” M=3,03 DP= 1,13

(3) Orientação Moral e Sustento

A terceira componente, designada por Orientação Moral e Sustento inclui itens que se relacionam com o sustento económico da família e a orientação moral dos filhos (ponto médio da dimensão=4). Esta é constituída por 11 itens: (1) “o meu pai sustentava-nos financeiramente” M= 4,45 DP= 0,95 (2) “o meu pai assegurava que eu tivesse as coisas de que precisava” M= 4,10 DP= 0,99 (3) “o meu pai preocupava-se com a minha alimentação” M= 3,63 DP= 1,19; (4) “o meu pai incutia-me valores importantes” M= 4,05 DP= 0,98; (5) “o meu pai ensinava-me a defender dos outros” M= 3,22 DP= 1,20; (6) “o meu pai importava-se que eu cumprisse os meus compromissos” M= 3,75 DP= 1,08; (7) “o meu pai assegurava que eu tivesse cuidados de saúde” M= 3,77 DP= 1,30; (8) “o meu pai ensinava-me a distinguir o bem do mal” M= 4,10 DP= 0,98; (9) “ quando eu era criança o meu pai estava empregado” M= 4,63 DP= 0,89; (10) “o meu pai era quem decidia o que eu podia fazer em casa” M= 3,33 DP= 1,20 e (11) “o meu pai era quem mandava em casa” M=4,27 DP= 0,96.

(4) Punição

Esta componente diz respeito a formas de envolvimento consideradas negativas e é constituída por 3 itens (ponto médio da dimensão= 2). (1) “o meu pai batia-me” $M=2,45$ $DP=1,26$ e (2) “o meu pai gritava comigo quando eu fazia asneiras” $M=3,48$ $DP=1,03$ e (3) Quando eu me metia em sarilhos o meu pai castigava-me” $M=3,60$ $DP=1,16$.

(5) Partilha de Tarefas

Esta dimensão é referente à partilha de tarefas domésticas entre o casal e é constituída por 3 itens (ponto médio da dimensão=3): (1) “o meu pai ajudava a minha mãe nos trabalhos domésticos/tarefas de casa” $M=3,77$ $DP=1,26$; (2) “o meu pai ajudava a minha mãe a resolver os problemas do dia-a-dia” $M=2,79$ $DP=1,26$ e (3) “o meu pai ajudava a minha mãe a cuidar dos filhos” $M=3,08$ $DP=1,34$.

5.1 Correlações entre os dados obtidos na Escala PEP e na Escala Envolve

No sentido de fazermos uma análise mais detalhada dos dados procedeu-se a um cruzamento da informação proveniente da escala de Percepção do Envolvimento Parental e da escala Envolve.

Consideramos este cruzamento de dados fundamental, com vista a verificarmos até que ponto os resultados obtidos na escala Envolve, correspondem, ou tem uma associação com as formas de envolvimento actual do pai com bebés.

Neste sentido, procedemos apenas à análise das correlações que nos parecem mais pertinentes e com uma associação mais directa. Uma vez que o nosso principal objectivo é caracterizar as formas de envolvimento do pai com bebés, iremos apenas seleccionar alguns dos itens da escala Envolve (já que esta também se remete para a adolescência).

5.1.1 Correlações para as dimensões: Bem-estar Emocional e Estimulação e Apoio Emocional e Estimulação

Quando testamos a correlação entre os itens que mediam a dimensão Bem-Estar Emocional da Criança e o Apoio Emocional e Estimulação, incluímos os itens que apresentam uma relação mais directa.

Relativamente ao item “em que medida fui afectuoso com o meu filho” (da escala PEP) e “o meu pai era afectuoso comigo” (da escala Envolve), obteve um coeficiente de correlação de 1 o que significa que existe uma correlação positiva entre estes dois itens, ou seja, existe uma relação entre estas variáveis.

Optamos ainda, por testar a correlação entre os seguintes itens: “em que medida brinquei com o meu filho” (escala PEP) e “eu e o meu pai fazíamos coisas em conjunto” (da Escala Envolve) obtivemos um coeficiente de correlação de 0,310 (correlação positiva) o que significa que existe uma relação entre estes itens.

5.1.2 Correlações para as dimensões: Desenvolvimento Físico e Orientação Moral e Sustento

Incluímos nesta correlação os seguintes itens: “em que medida contribui para o desenvolvimento físico do meu filho” (da escala PEP) e “o meu pai reocupava-se com a minha alimentação”.

Obtivemos um valor de coeficiente de correlação de 0,253 e um valor de significância de 0,024 ou seja, não existe uma relação entre as variáveis.

6. Discussão e Conclusão

O presente capítulo é dedicado à discussão dos resultados obtidos no estudo empírico, bem como, às conclusões que nos parecem ser essenciais e que reflectem todo o trabalho desenvolvido e apresentado no âmbito da dissertação de Mestrado.

De forma geral, e antes de nos remetermos para conteúdos mais específicos, parece-nos importante referir a necessidade de continuar a investigar este tema. Não só porque em Portugal as pesquisas sobre o envolvimento paterno são escassas como também por serem verificadas consequências importantes para o desenvolvimento das crianças quando o envolvimento paterno ocorre o mais cedo possível (já durante a gravidez).

Além desta reflexão, neste capítulo, irão ainda ser discutidos alguns pontos que julgamos pertinentes tendo sempre em consideração que o objectivo primordial desta investigação é o de caracterizar as formas de envolvimento paterno com bebés.

Neste sentido, iremos começar a apontar algumas linhas de discussão caracterizadoras das formas de envolvimento do pai com os seus filhos até aos 18 meses de idade ao nível das diversas dimensões anteriormente apresentadas e testadas. Entretanto iremos agregar à discussão as formas de envolvimento da mãe, as características da criança e a representação do pai acerca do envolvimento do seu próprio pai.

Em primeiro lugar torna-se pertinente realçar a relação entre as formas de envolvimento do pai e o processo desenvolvimental do bebé. Começando pela discussão dos resultados obtidos por pais e mães na escala PEP, é interessante o facto de os pais (tomados no seu conjunto), contribuírem para as 4 dimensões do desenvolvimento da criança testadas com a escala desenvolvida.

Na generalidade dos itens, a mãe apresenta um nível de envolvimento superior em relação ao pai. Para sermos mais claros, de um modo geral, os pais ainda não estão tão dispostos quanto as mães para participarem quer nas consultas de saúde infantil quer nas consultas de vigilância durante a gravidez. Este dado, não é de todo surpreendente na medida em que tradicionalmente e culturalmente, os pais deixam esta tarefa para as mães. É de ressaltar, que apesar destes resultados, a idade do pai pode ser influenciadora da sua participação nas consultas. Com efeito verificamos que os pais mais novos revelam maior disponibilidade para acompanhar quer a mãe quer a criança nas consultas de saúde infantil.

Quando nos referimos ao acompanhamento do pai durante as consultas de vigilância ao longo da gravidez, e durante o período de nascimento do bebé, torna-se pertinente discutir

de que forma os contextos clínicos promovem a participação/envolvimento do pai nestes momentos.

O Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social, em Portugal, no ano 2009, referiu que o período pré-natal deve ser centrado nas famílias, isto é, não só na mãe e na criança como também no pai.

Neste sentido, os contextos clínicos, em geral, e os profissionais de saúde, em particular, devem ser facilitadores do envolvimento do pai. Por exemplo, na salvaguarda do direito (e dever) de acompanhar a mãe nas consultas pré-natais, a possibilidade de participar no momento do parto ou no cuidado ao recém-nascido.

Por outro lado, ocorreram também mudanças no âmbito da licença parental, as quais se inscrevem nesta promoção de um maior envolvimento paterno. Este último aspecto remete-nos de imediato para os resultados obtidos na Escala PEP, ao nível do item que avalia o usufruto da licença parental, e para o conjunto de resultados que envolvem a variável idade do pai. Foi verificado que as mães, tal como a literatura indica, parecem continuar a usufruir em maior número deste benefício e são os pais mais novos aqueles que usufruem mais frequentemente deste direito.

Quanto às quatro dimensões do desenvolvimento avaliadas: (1) Desenvolvimento Físico; (2) Desenvolvimento Cognitivo; (3) Bem-estar Emocional e (4) Comportamento da Criança, as diferenças mais significativas residiram ao nível do Desenvolvimento Físico e Cognitivo da criança, com uma média superior para a mãe.

Estas diferenças parecem não ser tão evidentes ao nível do Bem-Estar Emocional e do Comportamento da Criança. Neste sentido, os resultados sobre estas formas de envolvimento paterno estarão relacionados com as diversas mudanças sociais (referidas no Capítulo I) a que contemporaneamente assistimos.

Quando focamos os efeitos intergeracionais do pai, mais precisamente a representação que este tem do envolvimento do seu próprio pai durante a infância e adolescência, verificamos que, quanto mais positivamente é representado o envolvimento do próprio pai na dimensão Apoio Emocional e Estimulação maior é a relação desta com o bem-estar emocional do seu filho. Esta dimensão enquadra-se no *novo* papel paterno a que demos relevo, ainda que de forma sumária, no Capítulo I. Verificamos ainda, uma correlação positiva entre as dimensões: Desenvolvimento Físico e Orientação Moral e Sustento.

Globalmente, os resultados obtidos ao nível dos efeitos intergeracionais revelam a existência de uma relação, entre o envolvimento actual do pai e a sua representação acerca do

envolvimento do seu próprio pai, a qual ficou patente essencialmente nas dimensões anteriormente referidas.

Para concluir, Julgamos fundamental a mais-valia de termos utilizado um instrumento de avaliação que integra as principais dimensões do desenvolvimento das crianças (Desenvolvimento Físico; Desenvolvimento Cognitivo; Comportamento da Criança e Bem-Estar Emocional da Criança) e de ter sido possível explorar algumas das formas de envolvimento paterno com bebés.

No entanto, por dificuldades inerentes ao processo de recolha de dados, não nos foi possível obter informações acerca de outras variáveis relativas à criança, nomeadamente o sexo da criança. Pois, de acordo com a revisão da literatura, o sexo da criança influencia o envolvimento paterno. Os pais, envolvem-se mais com os filhos do que com as filhas (Lamb, 1997). Este dado pode ser justificado na medida em que os pais encorajam os rapazes a jogos mais físicos e a uma maior exploração num sentido mais instrumental. Já com as raparigas, actuam num sentido mais expressivo. A referência a esta variável relativa à criança teria tornado esta investigação mais completa e com resultados mais concisos.

Através da discussão e conclusão da presente tese de mestrado, é perceptível que o envolvimento paterno constitui um objecto de investigação desafiante, isto porque, apresenta um âmbito multidimensional e complexo, tornando-se, por isso, fundamental continuar a investir em pesquisas desta natureza.

Logicamente que muitas outras questões poderiam ser aqui alvo de discussão, no entanto, esperamos que esta investigação, tenha de uma modo geral, contribuído para enriquecer o âmbito de investigação acerca das formas e factores do envolvimento paterno com bebés.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

1. Aboim, S. (2003). Evolução das estruturas domésticas. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 43, 13-30.
2. Azar, S. T., & Bober (1999). Children of abusive families. *Developmental issues in the clinical treatment of children and adolescents* (pp. 371-392). Boston: Allyn & Bacon
3. Amato, P. R. (1994). Father-child relationships, mother-child relations, and offspring psychological well-being in early adulthood. *Journal of Marriage and Family*, 56, 1031-1042.
4. Badolato, G. (1997). Le père est-il compétent dans la compréhension des besoins du petit enfant? *Enfance*, 3, 401-410.
5. Barreto, A. (2010). Inquérito ao emprego – Pordata. [Em linha]. Disponível em: http://www.pordata.pt/azap_runtime/?n=4 [Consultado em: 17/06/2011].
6. Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge: Harvard University Press.
7. Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55(1), 83-96.
8. Bornstein, M. H. (Ed.) (2002). *Handbook of parenting*. Mahwah, Nj. Erlbaum.
9. Buist, A., Morse, C. A., Durkin S. (2002). Men's Adjustment to fatherhood: Implications for obstetric health care. *JOGNN Clinical Research*, 32 (2), 172-180.
10. Brazelton, T. B. & Cramer, B. G. (1992). *As primeiras relações*. São Paulo: Martins Fontes.
11. Brazelton, T. B., & Cramer, B. G. (2004). *A relação mais precoce, os pais, os Bebés e a interação precoce*. Lisboa: Terramar.
12. Camus, J. (2002). *O verdadeiro papel do pai*. Porto: Ambar.
13. Colman, L. L., Colman, A. D. (1994). *Gravidez: a experiência psicológica*. Lisboa: Edições Colibri
14. Cruz, O., Lima, A., Serôdio, R. (2008). *Filho és, pai serás... a percepção retrospectiva dos homens acerca das formas de envolvimento do seu próprio pai e as consequências desenvolvimentais*. Revista de Psicologia Nº 1 Vol. 4.(Pp 101-112).
15. Dantas, C., Jablonski, B., e Féres-Carneiro, T. (2004). *Paternidade: considerações sobre a relação pais-filhos: após a separação conjugal*. Universidade Católica do Rio de Janeiro, 14 (29), 347-357.

16. Decreto-Lei n.º 91/2009 de 9 de Abril. *Diário da República n.º 70 - I Série* Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social. Lisboa
17. Eggebeen D., & Knoester, C. (2000). Does fatherhood mother form men? *Journal of Marriage and the Family*, 63, 381-393.
18. Flouri, E. & Buchanan, A. (2003). What predicts fathers' involvement with their children? A prospective study of intact families. *British Journal of Development Psychology*, 21, 81-98.
19. Freitas, W., Coelho, E., Silva, A. T. (2007). Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar do gênero. *Cadernos Saúde Pública*, 23 (1), 137-145.
20. Gonçalves, C. (2007) *papel parental: perspectivas dos estudantes de enfermagem*. Monografia não publicada, Universidade Fernando Pessoa de Ponte de Lima.
21. Knoester, C., Eggebeen, D. J. (2001). Does fatherhood matter for men?. *Journal of Marriage and Family*, 63, 381-393.
22. Lamb, M. (1992). O papel do pai em mudança. *Análise Psicológica*, 1, 1 9-34.
23. Lamb, M. (1997). *The role of the father in child development*. New York: John Wiley & Sons.
24. Lamb, M. E. (2004). *The role of the father in child development* (4rd ed.) (pp.11-15,34-53). New York: John Wiley and Sons.
25. Lamb, M. E. (2010). *The role of the father in child development* (5rd ed.) (pp.176-193). New York: John Wiley and Sons.
26. Lewis, C. & Lamb, M. E. (2003). Fathers' influences on children's development: The evidence from two-parent families. *European Journal of Psychology of Education*, 18 (2), 211-228.
27. Lee, P. e Brage, D. (1989). Family life education and research: Toward a more positive approach, in M. Fine (Ed.) *The second handbook on parent education: Contemporary perspectives*. New York: Academic Press.
28. Lima, J. A. R. (2001). *Processos de Socialização da Criança em Idade Pré-Escolar: Estudo Exploratório sobre o Envolvimento Paterno*. Dissertação de mestrado em Psicologia, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto
29. Lima, J. A.R. (2009). *O Envolvimento do Pai no Processo Desenvolvidor da Criança em Idade Escolar: Formas, Factores e Consequências*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
30. Palácios, J., & Rodrigo, M. J. (1998). *La Familia como contexto de desarrollo*. Madrid: Alianza Editorial.

31. Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O mundo da criança*. (8ªEd). Lisboa: McGrawHill.
32. Parke, R. D., & Buriel, R. (1998). Socialization in the family: ethnic and ecological perspective. *Handbook of child psychology*: vol.3. Social, emotional, and personality development (5th ed.,). New York: Willey
33. Parke, R. (1995). 'Fathers and families', In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting*, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, pp. 27-63.
34. Pleck, J. H. (1997). Paternal involvement: Levels, sources, and consequences. Em M. Lamb (Org.), *The role of the father in child development*, pp. 66-103.
35. Pleck, J. H. & Hofferth, S. L. (2008). Mother Involvement as Influence on Father Involvement with Early Adolescents. *Fathering*, 6 (3), 267-286.
36. McBride, B. A., & Mills, G. (1993). A comparison of mother and father involvement with their preschool age children. *Early childhood Research Quarterly*, 8, 457-477.
37. NICHD Early Child Care Research Network. (2000). Factors associated with fathers' caregiving activities and sensitivity with young children. *Journal of Family Psychology*, 14(2), 200-219.
38. Osofsky, J., & Thompson, M. (2000). Adaptive and maladaptive parenting. In J. Shonkoff & S. Meisels (Eds.), *Handbook of early childhood intervention* (pp. 54-75). Cambridge: Cambridge University Press.
39. Strecht, P. (2007). *O Teu Pequeno nome. A vida emocional dos bebés*. Lisboa: Assírio & Alvarim.
40. Vagerö, D. (1997). *How do Biological and Social Circumstances in Life Influence Health in Adult Life? EpC-Rapport 1997*. Stockholm: National Board of Health and Welfare.
41. Volling, B. L., & Belsky, J. (1991). Multiple determinants of father involvement during infancy in dual-earner and single-earner families. *Journal of Marriage the Family*, 53, 461-474.

ANEXOS

ANEXO 1

ESCALA DE PERCEPÇÃO DO ENVOLVIMENTO PARENTAL

Universidade do Porto
- Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação -

O objectivo deste questionário é o de conhecer a sua perspectiva sobre o papel do pai no desenvolvimento e prestação de cuidados à criança, especialmente no que respeita ao primeiro ano de vida. Para tal, será apresentada uma lista de afirmações. Relativamente a cada uma delas gostaria que indicasse o seu grau de concordância ou discordância, colocando uma cruz no quadrado que melhor corresponde à sua opinião.

Não existem respostas certas ou erradas. Este questionário é anónimo e absolutamente confidencial. Por favor, não se identifique em nenhuma parte do questionário. As respostas das pessoas neste estudo serão usadas para fins de investigação.

Por favor responda a todas as questões. Se se enganar a assinalar alguma resposta pode riscá-la e assinalar novamente a resposta que pretende.

Exemplo

Nunca Raramente Algumas vezes Muitas vezes Sempre

O pai deve ter oportunidade de participar nos cuidados ao recém-nascido.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

Se considera que não é importante que o pai tenha oportunidade de participar nos cuidados ao recém-nascido, coloque uma cruz(X) no quadrado por baixo de **Nunca**.

Se concorda que o pai raramente deve ter oportunidade de participar nos cuidados aos recém-nascido, coloque uma cruz(X) no quadrado por baixo de **Raramente**.

Se considera que qualquer uma das outras situações melhor exprime o seu grau concordância, deve colocar uma cruz (x) no quadrado respectivo. Pode utilizar qualquer um dos 5 quadrados de resposta.

.Por favor, responda às questões que se seguem a seu respeito:

Sexo: Masculino ☐ Feminino ☐ Idade: _____

Estado Civil: Solteiro(a) ☐ Casado(a) ☐ União de facto ☐ Divorciado(a) ☐
Separado(a) ☐ Viúvo(a) ☐

Quantos filhos tem? ____ ; Qual a(s) idade(s) actuais do(s) seu(s) filho(s): _____

Durante a sua infância e adolescência sempre viveu com o seu pai: Sim ☐ Não ☐

Se respondeu “Não”, porquê? Divórcio/Separação dos pais ☐ Falecimento do pai ☐

Outra: _____ Que idade tinha você aquando desse acontecimento _____
anos

Se respondeu “Divórcio/Separação dos pais”, que tipo de “guarda” foi decidida: Conjunta ☐
Mãe ☐ Pai ☐ Outra ☐

Tem irmãos: Não ☐ Sim ☐ , Quantos?: ____ Qual (is) a (s) idade (s) actual (is) do (s) seu (s)
irmão (s): _____

	Sim	Não
01. Teve oportunidade de acompanhar o momento do nascimento do seu filho?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
02. Teve oportunidade de participar nos cuidados (alimentação, higiene,..) ao seu filho recém-nascido, enquanto esteve na maternidade?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Considerando os primeiros 18 meses de vida do meu filho...

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
03. Em que medida participei nas consultas de saúde infantil durante o primeiro ano de vida	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
04. Em que medida envolvi-me no momento de alimentação do meu filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
05. Em que medida brinquei com o meu filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
06. Em que medida participei no processo de transição para a creche (caso se verifique)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
07. Em que medida acompanhei as consultas de vigilância durante a gravidez	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
08. Em que medida contribui para o desenvolvimento cognitivo do meu filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
09. Em que medida contribui para o desenvolvimento físico do meu filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Em que medida contribui para o bem-estar emocional do meu filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Em que medida contribui para o ajustamento comportamental do meu filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Em que medida fui afectuoso com o meu filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Em que medida conversei com o meu filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Em que medida participei nas consultas de planeamento familiar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Em que medida usufrui da licença parental	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Em que medida participei nas consultas de saúde infantil	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Em que medida participei nos cuidados de higiene ao meu filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Obrigado pela sua colaboração!
Nádia Fonseca

ANEXO 2

Escala ENVOLVE

UNIVERSIDADE DO PORTO

O presente questionário pretende recolher informações acerca das representações que os pais têm acerca do envolvimento do seu próprio **Pai** na sua infância. A sua colaboração é muito importante, pois contribui para a elaboração de um estudo, desenvolvido no âmbito da dissertação de um Mestrado Integrado em Psicologia, no ramo *Intervenção Psicológica, Educação e Desenvolvimento Humano*.

Este questionário é composto por um conjunto de afirmações sobre a relação das pessoas com os seus pais. O que lhe vai ser pedido é que indique em que medida cada uma das diferentes situações apresentadas se aplicava à sua relação com o seu pai. O objectivo destas questões é que você se refira a essa relação durante a sua infância.

As suas respostas são anónimas e confidenciais, o que significa que ninguém terá conhecimento sobre o que você respondeu. Por isso, não será identificado em parte alguma do questionário. As respostas que irão ser recolhidas através deste estudo terão apenas fins estatísticos e serão unicamente acessíveis à equipa de investigação.

Por favor, responda a todas as questões. Se quiser alterar uma resposta dada e que foi anteriormente assinalada, poderá fazê-lo indicando a resposta pretendida. A nova resposta deverá ser assinalada no questionário e a anterior riscada.

Para explicar a forma como deverá proceder a partir de agora, será apresentado um exemplo.

Exemplo

Nunca Raramente Algumas vezes Muitas vezes Sempre

Durante a minha infância costumava brincar
com os meus amigos

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

Se disser que na sua infância *nunca* brincava com os seus amigos, deverá ser colocada uma cruz (x) no quadrado por baixo do **Nunca**.

Se na sua infância costumava brincar *muitas vezes* com os seus amigos, deverá ser colocada uma cruz (x) no quadrado por baixo do **Muitas Vezes**.

Se considerar que durante a sua infância brincava com os seus amigos com qualquer outra frequência, deverá seleccionar o quadrado por baixo da frequência que melhor lhe corresponda entre as apresentadas: *Nunca, Raramente, Algumas Vezes, Muitas Vezes* ou *Sempre*.

Deste modo, nas afirmações do questionário que a seguir lhe são apresentadas, vai ter que escolher apenas uma entre as cinco possibilidades de resposta. A forma de responder é idêntica, mudando apenas aquilo a que cada quadrado corresponde. Deve considerar as cinco possibilidades de resposta, ajustando ao seu caso, ou seja, à sua opinião sobre o envolvimento do seu **Pai** na sua infância.

Primeiramente, responda às seguintes questões sobre si:

- 1) Sexo: Masculino: ☐ Feminino: ☐
- 2) Data de nascimento: ____/____/____ 3) Idade: ____
- 4) Naturalidade: _____
- 5) Morada actual: _____
- 6) Escolaridade: Inferior ao ☐ 1º Ciclo ☐ 2º Ciclo ☐ 3º Ciclo ☐
1º ciclo
Ensino ☐ Ensino ☐ Outra ☐ Qual? _____
Secundário Superior
- 7) Profissão(ões) Exercida(s): _____
- 8) Estado civil: Solteiro(a) ☐ Casado(a) ☐ União de ☐ Divorciado(a) ☐ Viúvo(a) ☐
Facto
- 9) Tem filhos? Sim ☐ Quantos? _____
Qual a(s) idade(s) actual(ais) do(s) _____
seu(s) filho/a(os/as)?
- 10) Durante a sua infância sempre vivei com o seu pai? Sim ☐ Não ☐
- 10.1) Se respondeu não, indique as razões?
Divórcio/separação ☐ Falecimento ☐ Emigração ☐ Adopção ☐
Pai desconhecido ☐ outra ☐ Qual? _____
- 11) Tem irmãos? Sim ☐ Quantos? _____
Qual a(s) idade(s) actual(ais) do(s) irmão(ões) ? _____
Não ☐
- 12) Há quantos _____ 13) Que idade tinha o seu pai quando faleceu? _____
anos faleceu o
seu pai?
- 14) Qual era a escolaridade do seu pai? _____
- 15) Qual era a profissão do seu pai? _____

	<i>Nunca</i>	<i>Raramente</i>	<i>Algumas Vezes</i>	<i>Muitas Vezes</i>	<i>Sempre</i>
1. Quando eu era criança, o meu pai lia para mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Quando eu me metia em sarilhos, o meu pai castigava-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. O meu pai ensinava-me a defender-me dos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. O meu pai assegurava que eu tivesse as coisas de que precisava.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Durante a minha infância sentia-me próximo(a) do meu pai.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Eu e o meu pai gostávamos do tempo que passávamos juntos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. O meu pai compreendia-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. O meu pai conversou comigo sobre sexo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. O meu pai sustentava-nos financeiramente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. O meu pai preocupava-se com a minha alimentação.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. O meu pai ajudava a minha mãe a resolver os problemas do dia-a-dia.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. O meu pai batia-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. O meu pai ajudava a minha mãe a cuidar dos filhos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. O meu pai era afectuoso comigo (acarinhava-me e/ou dizia-me que gostava de mim).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Durante a minha infância, eu e o meu pai fazíamos coisas em conjunto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. O meu pai ajudava-me a resolver os meus problemas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. O meu pai era quem mandava em casa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. O meu pai inculuiu-me valores importantes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. O meu pai apoiava a minha mãe ao nível emocional (quando ela estava triste e/ou preocupada).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. O meu pai importava-se com que eu cumprisse os meus compromissos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. O meu pai conversava comigo sobre as coisas que se passavam no mundo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. O meu pai ajudava a minha mãe nos trabalhos domésticos/tarefas de casa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. O meu pai assegurava que eu tivesse cuidados de saúde.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. O meu pai ajudava-me a fazer os trabalhos escolares.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Eu podia conversar com o meu pai sobre o que quer que fosse.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. O meu pai ensinava-me a distinguir entre o bem e o mal.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

27. O meu pai elogiava-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28. O meu pai assistia às actividades em que eu participava.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Durante a minha infância o meu pai estava empregado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. O meu pai gritava comigo quando eu fazia asneiras.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31. O meu pai era quem decidia o que eu podia ou não fazer em casa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32. O meu pai mostrava interesse pelas minhas actividades escolares.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33. O meu pai recompensava-me quando me portava bem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34. O meu pai estava disponível quando eu precisava dele.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35. O meu pai participava nas reuniões escolares.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>